

Das formas de vislumbrar anjos -Asas sagradas e asas do desejo nas redes católica e psi

Of ways of glimpsing angels
-Wings of holiness and of desire in Catholic and Psy
net

**Marcela Peralva Aguiar; Denise Barcellos da Rocha Monteiro; Ana
Maria Jacó-Vilela**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

RESUMO:

Este trabalho pretende, sob a forma de experimentação ou ensaio, estabelecer analogias entre possíveis caminhos da psicologia e descrições de anjos. Dessa forma, partindo das imagens do anjo católico, modelo de perfeição que tem como função iluminar o caminho dos mortais, e dos anjos do filme “Asas do Desejo”, do cineasta alemão Win Wenders, que, longe da perfeição, podem ser atingidos por sentimentos como tédio e inveja, vivem sobre o céu cinzento de Berlim e não possuem o poder de intervir na vida de nenhum mortal, busca-se discutir os possíveis enrijecimentos e potencialidades das teorias e práticas da psicologia. Toma-se como intercessor conceitual o anjo de Paul Klee, que Walter Benjamim chamou de “anjo da História”. Este, ao reger as narrativas humanas, não é doce nem roliço como o anjo católico, nem pretende iluminar o “melhor caminho”; pelo contrário, é anguloso e deformado, devastado por todas as paixões e acontecimentos. Tampouco pode, como o anjo de Wenders, ser compassivo, ou mesmo entediado; ele se reveste de horror pelas ruínas que se amontoam à sua volta, e somente isso tem a oferecer. Qual desses anjos permeará nossas práticas? No que tange aos dados referentes aos católicos, utilizamos aqueles coletados através do projeto de pesquisa “A Constituição da Psicologia no Brasil: Católicos e Médicos”, cujo objetivo é apreender as

Clio-Psyché – Programa de estudos e pesquisas em História da Psicologia

interrelações do catolicismo e do pensamento médico na formação e autonomização da Psicologia no Brasil.

Palavras-chave: Psicologia; História; anjos.

ABSTRACT:

Through analogies between possible paths of Psychology and descriptions of Catholic and “Wenderian” angels, the article intends to discuss which of these angels is going to permeate the Psychology Practices. In order to do so, it uses images of catholic angels - models of perfection and light to the path of poor mortals - and images of “wenderian” angels – capable of feeling tedium and envy but incapable to interfere in any human life. The data used was collected through the research project “The Constitution of Psychology in Brazil: Catholics and Doctors” – which aims to apprehend the interrelations of Catholicism and Medical thoughts in the constitution and autonomization of Psychology in Brazil – and through Wender’s movie “Wings of Desire” (1988). As a conceptual intercessor the article presents Angel Paul Klee, “The History Angel”, in Walter Benjamim words. While governing human narratives, Paul is neither sweet and illuminated as the catholic angel, nor merciful or bored as Wender’s angels. He is coated with horror by the ruins that surround him, having only this to offer. Therefore, at the end the question asked remains open to discussion.

Key words: Psychology; History; angels

Como e por que anjos

Este trabalho pretende, sob a forma de experimentação ou ensaio, estabelecer analogias entre possíveis caminhos da psicologia e descrições de anjos – católicos e wenderianos –, tendo como intercessor conceitual¹ o anjo da História, de Walter Benjamim. Para tanto utilizamos, no que tange aos dados referentes aos católicos, aqueles coletados através do projeto de pesquisa “A Constituição da Psicologia no Brasil: Católicos e Médicos”², cujo objetivo é apreender as inter-relações do catolicismo e do pensamento médico na formação e autonomização da Psicologia no Brasil.

Clio-Psyché – Programa de estudos e pesquisas em História da Psicologia

Na doutrina católica, anjos são seres incorpóreos, mensageiros de Deus entre os homens e, sobretudo, submetidos ao poder divino. Quando se revoltam, caem; então, se satanizam – o corpo resultante é desmedido, corpo do prazer sem freios, inferno do pecado. Já numa concepção profana e atual, Win Wenders³ os desenha como criaturas vigilantes, compassivas e absolutamente entediadas. Desse tédio brota a inveja subversiva pelo humano. Os anjos de rabicho do cineasta alemão, quando têm coragem, caem para virarem humanos – aqui, os corpos se tornam finitos, mas de desejo e, às vezes, de angústia. Se alguma danação existe, é a do risco da falta de sentido. Ao relacionar Psicologia e anjos, tratamos, pois, de símbolos e sentidos, pois: “Cada um de nós é um símbolo que lida com símbolos – tudo ponto de apenas referência ao real” (LISPECTOR, 1998: 73).

Nessa atividade de simbolização, a psicologia se vê às voltas ora com uns – os anjos católicos –, ora com outros, os wenderianos. Essas duas concepções de anjo, longe de esgotarem ou modelarem o assunto, servirão aqui como meio (símbolo) através do qual podemos pensar algumas possibilidades “angelicais” do sujeito.

Asas sagradas

Num primeiro momento, olhemos de perto o anjo roliço das legiões divinas, olhos azuis e cachinhos dourados, que tem como função iluminar os caminhos dos pobres mortais, apontando-lhes o que se deve, ou não, fazer. Esse ser habita um mundo regido por modelos, onde o certo está determinado *a priori* pela palavra divina. Aliás, inclusive na história humana mais recente, em que supostamente o predomínio do pensamento

científico afastaria esta verdade apriorística, percebemos também a busca incessante por modelos e enquadramentos. Ambos os discursos são elaborados em nome de um bem moral, de um bem social, de uma ética suposta para todos e para todo o sempre...

Podemos observar tal compreensão na psicologia, como uma das ciências de que falamos. Nos fundamentos de várias de suas linhas, encontramos tentativas de ordenar a história do sujeito (e, por certo, seu destino), empregando uma linearidade, uma previsibilidade que não necessariamente lhe pertence e que pode mesmo inibir, e até impedir, a variedade de opções de vida que a tal sujeito caberiam por direito.

Mas... quando o anjo católico se anunciou à psicologia? Queremos nos deter especificamente no caso brasileiro. Aqui, as idéias psicológicas sobre o outro, notadamente o índio, se concretizam desde o século XVI com a abordagem aristotélico-tomista dos jesuítas, em seu processo de catequese⁴. Mais tarde, com a proclamação da República, ocorre o rompimento da tradição lusa de total junção entre Estado e Igreja, deixando o catolicismo de ser a religião oficial do país. Conseqüentemente, a instituição eclesiástica não tem acesso direto, como anteriormente, às decisões governamentais, sendo levada a buscar outras articulações com o poder (ALMEIDA e MOURA, 1977).

Com uma influência menos direta no campo político e em confronto com as idéias positivistas, evolucionistas e materialistas, a Igreja busca meios para suplantar tais dificuldades. A principal alternativa surge através de D. Leme⁵, Cardeal do Rio de Janeiro, então capital do país. D. Leme entende que a Igreja deve se aproximar dos intelectuais católicos, motivando-os a contribuir no processo de “recatolização” da sociedade, isto

é, a exercer sua influência sobre a população que não mais seguia com a disciplina e o cuidado de antes as regras, normas e recomendações da Igreja.

Entre as principais iniciativas de D. Leme está a fundação, em agosto de 1921, da revista “A Ordem”, que teve papel fundamental na disseminação dos ideais católicos. A publicação visava a promover a divulgação da doutrina, atingir as elites intelectuais e posicionar-se politicamente. Como desdobramento dessa atividade editorial surgirão o Centro Dom Vital, a Ação Universitária Católica e, em especial, o Instituto Católico de Estudos Superiores, que mais tarde, em 1947, se transforma na Pontifícia Universidade Católica. Não por acaso, a PUC será o berço, no Rio de Janeiro, de uma Psicologia que se institucionaliza⁶.

O exame de alguns artigos da revista “A Ordem” nos mostra uma busca pela conciliação entre o pensamento religioso e o científico; conseqüentemente, com o emergente saber psicológico. Mas este casamento não se dará sem percalços: a Igreja tem dificuldade em aceitar a possível “imperfeição dos anjos”. E à medida que o discurso psicológico começa a ganhar um corpo um pouco mais sólido, percebemos que os artigos de “A Ordem” passam a enfatizar o caráter irrelevante dos pontos de discórdia entre o discurso psicológico e o católico quanto ao entendimento do Homem. O anjo católico tenta, assim, manter-se no altar das idéias sem, contudo, negar inteiramente a validade da emergente Psicologia científica⁷.

Por outro lado, na confluência entre a razão e a fé, o saber psicológico que então se constitui elabora modelos – remetendo à perfeição angelical – e, sobretudo, aponta eventuais desvios quanto aos mesmos, que são tomados como normas universais. Nesse momento, poderíamos dizer que a Igreja busca uma ‘produção de anjos’ (no primeiro sentido que

apontamos) e que a moral se encontra sobreposta ao bem-estar. Aliás, ‘estar bem’ é comportar-se bem, como se pode perceber mediante a análise de alguns artigos de “A Ordem”. A questão, nesse ideal-anjo, é moral, e haverá dificuldades em acomodar conceitos sobre sexualidade, desejo e diferenças. Analisemos, então, o posicionamento religioso em relação ao pensamento científico-psicológico conforme aparece em alguns artigos de “A Ordem”:

Começemos por uma crítica geral ao pensamento científico. O artigo de M. G. Ribeiro de Almeida, “Moléstias da alma”, de 1921, refere-se à incredulidade dos intelectuais como sendo a pior de todas, pois o intelectual incrédulo, por não acreditar em nada que não possa entender e comprovar, não se permite crer na religião, nem em qualquer outra coisa além da ciência. Ressalta o autor que a mesma ciência que atrai os intelectuais em virtude de seu caráter cético é aquela que consegue, quando lhe é conveniente, tecer afirmações teóricas que não podem ser comprovadas, como a referente à rotação da terra num espaço absoluto, por exemplo.

Já no artigo “Physiologia e os dados da fé católica”, de 1922, Hamilton Nogueira discute a ênfase dada pelo ambiente científico aos mecanismos de funcionamento do corpo – principalmente o cérebro –, em detrimento do estudo da alma. Reconhecendo certos avanços da ciência, o autor chega a considerar possível a existência de centros nervosos que controlem o corpo humano, contanto que o meio científico admita que tais centros funcionariam submetidos à alma, situada para além da matéria.

Em um período mais tardio de “A Ordem”, o editorial de julho de 1953 afirma que a psicoterapia deve trabalhar buscando um “bem psíquico” juntamente com um “bem moral”. Para tanto, o terapeuta deve ser

cuidadoso em suas recomendações, evitando levar o paciente a atitudes que, mesmo aparentemente promotoras de bem-estar, sejam incompatíveis com a moral. Nesse texto é usada, especificamente, a expressão “evitar cair em pecado” para indicar a preocupação que o terapeuta deve ter em relação ao cliente.

Na resenha de José Carlos Barbosa Moreira, datada de 1960, por sua vez, discute-se o livro de Erich Fromm, “*The sane of Society*”⁸. Segundo o autor da resenha, a obra se contrapõe à teoria de Freud ao procurar origens para as neuroses em áreas mais psicológicas e menos ligadas aos impulsos libidinais. Esse afastamento quanto à sexualidade não é suficiente, todavia, para absolver totalmente Erich Fromm: Moreira critica a interpretação que o autor faz dos “mitos cristãos” e recomenda “cautela” a seus leitores.

No editorial de dezembro de 1954, nosso último exemplo, elogia-se a conferência proferida pelo prof. J. J. Quental no Centro Dom Vital, intitulada “O equilíbrio psíquico e os sacramentos”. Nesta, o autor afirma que as neuroses podem ser curadas pelo sacramento da penitência – tormento do corpo para purificação do psiquismo/alma.

Asas do desejo

Aproximemo-nos agora da segunda espécie de anjos que mencionamos ao início deste ensaio, os anjos wenderianos – seres alados sobre o céu cinzento de Berlim, quietos e atentos, mas sem o poder de intervir. Não lhes é permitido indicar caminhos ou formas de conduta; apenas acompanham (invisíveis) e procuram amenizar os momentos dolorosos dos humanos. Os anjos de Wenders são assexuados, atemporais,

livres do pecado da carne; no entanto, sofrem por não poderem sentir nem participar da danação (e eventual prazer) que consome os humanos. Porém o cineasta dota suas criaturas da possibilidade de, num lapso de coragem, caírem (talvez em pecado) e, uma vez no mundo, experimentarem as possibilidades de ser mais (ou menos) do que a “natureza anjo” lhes permite. O preço da queda são a corporeidade e a finitude.

É viável pensar, estendendo a metáfora, que assim como os anjos podem “cair” para a vida mortal, os mortais podem ficar “suspensos” ao se prenderem a um ideal de anjo que os enquadra dentro da tediosa e segura eternidade, mesmo sem estarem confinados a ela. Trata-se, aqui, da eternidade dos gestos programados, dos corpos capturados na finitude do intervalo de uma vida.

Um texto de Peter Pal Pelbart (*A Nau do Tempo Rei*, 1993) nos permite discutir as criaturas de Win Wenders sob aspectos que dialogam com tal possibilidade de ser anjo. Pelbart sugere esperar, ao invés do contorno seguro que buscamos dar ao mundo, o risco daquilo que o mundo tem a nos oferecer. Mundo, pois, sem imagem de mundo – deformado, porque sem modelo –, ou, como na proposição de Deleuze (*apud* Pelbart, 1993:24), possibilidade de contrapor “uma imagem do pensamento” (forma a que o pensamento está submetido) a um “pensamento sem imagem” (sem modelo prévio do que seja pensar). Pelbart estabelece um paralelo entre os anjos e o terapeuta, sugerindo que se pode ver em ambos tanto a potência (da relação) quanto a impotência (anjos “não são deuses”). Assim, dos anjos wenderianos, o terapeuta apreenderia a humildade: esses anjos não podem modificar os rumos da vida de nenhum mortal, apenas acompanhá-los em seus momentos difíceis.

Se, por esse ângulo – o da disponibilidade –, a proposta de anjo-terapeuta é muito interessante, por outro se corre o risco de uma existência “pairando sobre” a vida, a condenação ao “ar blasé” e à falta de sentido. Em seu artigo, Pelbart subverte representações ao comparar “seres de perfeição” com “seres imperfeitos”, o “divino” com o “patológico”, mostrando que o flutuar dos anjos sobre as coisas pode indicar tanto a vivência psicótica quanto uma possível disponibilidade terapêutica.

Um terceiro anjo

Invocamos a partir de agora uma terceira (e terrível) figuração angelical, que contempla o que devora, a que Walter Benjamin (1994) chamou de “Anjo da História”. Assim como os anjos de Win Wenders são utilizados por Pelbart para discutir questões da prática psicológica, Benjamin utiliza-se do anjo de Paul Klee⁹ para refletir a respeito do trabalho do historiador. Entendemos que a associação é importante, visto que ambas – Psicologia e História – se utilizam da narrativa, preciosa e perigosa ferramenta. Vejamos como Benjamin desenha seu anjo:

Há um quadro de Klee que se chama Ângelus Novus. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma única cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de

ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso (BENJAMIN, 1994: 226).

Benjamin se opõe, pois, à idéia de uma marcha incoercível em direção ao futuro, promovida pelo progresso, de uma marcha simplesmente através dos tempos, indiferente aos fatos que atravessa. Seu conceito de história foge ao modelo composto por um tempo vazio e homogêneo; ao contrário, a história é, para Benjamin, “saturada de agoras” (1994: 229). A cada presente se tem um novo acontecimento que pode modificar os rumos da história, deixar para sempre sua marca/ruína no passado, cada vez maior, inapagável, por mais que propensa ao esquecimento – estamos aos pés do anjo de Paul Klee.

Juntando fios...

Trata-se, pois, de escapar a uma prática historiográfica que procure “arrumar” o passado de forma linear e ordenada, dando um único sentido aos fatos a fim de explicar o presente e prever o futuro mediante relações de causa e efeito. O anjo que Benjamin invoca, ao reger as narrativas humanas, não é doce nem roliço como o anjo católico, não pretende iluminar o “melhor caminho”; pelo contrário, é anguloso e deformado, devastado por todas as paixões e acontecimentos. Tampouco pode, como o anjo de Wenders, ser compassivo, ou mesmo entediado; o anjo da História se reveste de horror pelas ruínas que se amontoam à sua volta, e somente isso tem a oferecer.

O jogo da narrativa, segundo Benjamin (1994), se compõe de reminiscências e esquecimentos; por isso, nunca seremos capazes de relembrar/contar os fatos exatamente como ocorreram. Assim, quando algo

é narrado, é ao mesmo tempo preservado e perdido em alguma dimensão, trazendo embutida a possibilidade (e/ou risco) de ser direcionado/guiado por quem narra, segundo os interesses dominantes naquele momento.

Ele aproveita essa oportunidade para extrair uma época determinada do curso homogêneo da história; do mesmo modo, ele extrai da época uma vida determinada e, da obra composta durante essa vida, uma obra determinada. Seu método resulta em que na obra o conjunto da obra, no conjunto da obra a época e na época a totalidade do processo histórico são preservados e transcendidos. O fruto nutritivo do que é compreendido historicamente contém em seu interior o tempo, como sementes preciosas, mas insípidas (BENJAMIN, 1994: 231).

O discurso psicológico pode, igualmente, ser analisado por esse viés. O quanto nossas práticas procuram buscar o “fato determinante” do presente no passado? O quanto conseguimos pensar que aquilo que passou não poderá ser retomado, tal e qual, no atual?

A riqueza do conceito benjaminiano de história nos parece residir nesse mesmo ponto: não leva a crer num retorno ao paraíso ou numa sociedade ideal. É no passado, naquele fato que, embora contado e recontado, está incomunicável ao presente, que se esconde o tesouro: não pelo que se desdobrou a partir dele, mas pelos inúmeros potenciais que não se atualizaram e que dormem lá, esperando um novo sentido.

A psicologia, às voltas com essas formas angelicais, ora propaga modelos, ora ajuda a construir pacientemente campos de pouso para produção de sentidos, ora escuta, ora narra. Começa, então, a guerra dos anjos. Qual deles sobreviverá? Qual permeará nossos sonhos? Qual se aproximará mais de nossas práticas?

Referências Bibliográficas

- AGUIAR, M. P.; FABRÍCIO, A. L. C.; JACÓ-VILELA, A. M. Fé e Psicologia: As novas relações da Igreja com a ciência no período da Primeira República. XXI Encontro Anual Helena Antipoff e II Encontro Interinstitucional de Pesquisadores em História da Psicologia. *Boletim CDEPAH*. n.º17, pp.144-151. Agosto 2003(a)
- AGUIAR, M. P.; FABRÍCIO, A. L. C.; JACÓ-VILELA, A. M. Fé e Psicologia: A Transformação das Relações entre Igreja Católica e Ciência Psicológica no Brasil. XII Encontro Nacional da ABRAPSO. Porto Alegre: Outubro de 2003 (b), CD-Rom.
- AGUIAR, M. P.; FABRÍCIO, A. L. C.; JACÓ-VILELA, A. M. Fé e Psicologia: A Evolução das Relações Entre a Igreja e a Ciência. XII Semana de Iniciação Científica da UERJ. *Livro de Resumos XII Semana de Iniciação Científica*, p.343. Dezembro 2003 (c).
- ALMEIDA, J. M. G.; MOURA, S. L. “A Igreja na I República”. Em: HOLANDA, S. B. (Org.). *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo: DIFEL,,Tomo III, v.2, 1977 p.323-342.
- AMOROSO LIMA, A. O Instituto Oficial de Psychologia. *A Ordem*. n.º 28, 1932.
- BENJAMIN, W. *Obras escolhidas 1. Magia e Técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CENTOFANTI, R. Radecki e a Psicologia no Brasil. Em: Antunes, M. A. M. *História da psicologia no Brasil – Primeiros Ensaios*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2004.
- D’ALMEIDA, M. G. R. Molestias da Alma. *A Ordem*, ano I, no. 3, p. 43, 1921
- DELEUZE, G. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- EDITORIAL. Carta circular ao Centro Dom Vital (Santa Margarida Maria). *A Ordem*, Vol. LII, p.447. 1954.
- EDITORIAL. Sobre alguns problemas de ordem moral suscitados pela psicoterapia. *A Ordem*, Vol.L, p.72. 1953.
- GAGNEBIN, J. M. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- Clio-Psyché – Programa de estudos e pesquisas em História da Psicologia*

LISPECTOR, C. *Água Viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MASSIMI, M.; MAHFOUD, M.; SILVA, P. J.; AVANCINI, S. R. *Navegadores, colonos e missionários de Santa Cruz*. São Paulo: Loyola, 1997.

MASSIMI, M. *História da Psicologia brasileira*. São Paulo: EPU, 1990.

MOREIRA, José Carlos Barbosa. Psicanálise, sociologia e humanismo. *A Ordem*. Março 1960, v. LXIII, N.3. pp. 180-187.

NOGUEIRA, H. A Physiologia e os Dados da Fé Catholica. *A Ordem*, ano II(2ª série), nº. 1, pp. 8-9. 1922

PELBART, P. P. "Um desejo de Asas". Em: *A Nau do Tempo Rei. Sete ensaios sobre o tempo da loucura*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

Filmografia

WENDERS, W. *Asas do Desejo, Alemanha, 1987.P&B/Col, 90 min*

Marcela Peralva Aguiar é aluna do curso de graduação em Psicologia da UERJ e Bolsista FAPERJ. E-mail: lelaperalva@ig.com.br

Denise Barcellos da Rocha Monteiro é Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da UERJ. E-mail: debm@ig.com.br

Ana Maria Jacó-Vilela é professora do Instituto de Psicologia da UERJ e docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social. E-mail: amjaco@uol.com.br

¹ Para Deleuze (1992), os intercessores são peças fundamentais para fugirmos aos discursos instituídos. É através dos intercessores, das suas invenções, que somos capazes de olhar para o atual com olhos diferentes dos habituais, e só nos juntando a eles, com nossas criações, poderemos formar uma série, um conjunto de pensamentos que dê passagem aos discursos minoritários. Sendo assim, no presente trabalho recorreremos às concepções

de Benjamin acerca da História como intercessores conceituais para pensar questões pertencentes à Psicologia.

² Pesquisa desenvolvida sob a orientação de Ana Maria Jacó Vilela e da qual participam as duas outras co-autoras.

³ Cineasta alemão, diretor do filme *Asas do desejo*, 1987.

⁴ Ver, a respeito, Massimi, M. *História da Psicologia brasileira*. São Paulo: EPU, 1990; Massimi, M. Mahfoud, M Silva, P. J. Avancini, S. R. *Navegadores, colonos e missionários de Santa Cruz*. São Paulo: Loyola, 1997.

⁵ Dom Sebastião Leme foi um clérigo católico de grande importância para a disseminação dos ideais da Igreja no Brasil. Nascido em 1882 em Pinhal (SP), assume a arquidiocese de Olinda (PE) em 1916; em 1922 funda, juntamente com Jackson de Figueiredo, o Centro Dom Vital no Rio de Janeiro; em 1930 é nomeado Cardeal e assume a Arquidiocese do Rio de Janeiro, vindo a falecer em 1942.

⁶ Abordagens iniciais sobre a história da Igreja no Brasil e os artigos da revista "A Ordem" encontram-se em AGUIAR, FABRÍCIO, JACÓ-VILELA (2003a), AGUIAR, FABRÍCIO, JACÓ-VILELA (2003b), AGUIAR, FABRÍCIO, JACÓ-VILELA (2003c).

⁷ Um exemplo de interferência do catolicismo na psicologia científica emergente ocorre em 1930, em relação ao Laboratório de Psicologia Experimental que funcionava na Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro. Criado por Wacław Radecki, este laboratório, segundo Alceu Amoroso Lima, ia de encontro aos preceitos cristãos ao propor uma pedagogia absolutamente cética e materialista. A oposição se intensificou quando Radecki propôs a criação de um curso de psicologia nas dependências da Colônia. O resultado deste embate foi favorável à Igreja: Radecki saiu do Brasil e o Instituto teve suas atividades interrompidas sete meses após seu início (Amoroso Lima, 1932; Centofanti, 2004:177-208.).

⁸ Publicado em português com o título *Psicanálise da sociedade contemporânea*, em 1963, pela Zahar Editores.

⁹ Pintor Suíço (1879-1940), não se filiou de forma exclusiva a nenhum movimento artístico de sua época. Pintou uma série de anjos, um dos quais Walter Benjamin chamou de "anjo da história".